



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE
BARROS
COORDENAÇÃO DE LETRAS

JAÍNE DA SILVA SANTOS

MAPA CONCEITUAL DO *PREFÁCIO*
INTERESSANTÍSSIMO DA PAULICEIA DESVAIRADA
DE MÁRIO DE ANDRADE: ANÁLISE DO
DESVAIRISMO E SUAS VERTENTES

PICOS

2019

JAÍNE DA SILVA SANTOS

**MAPA CONCEITUAL DO *PREFÁCIO*
INTERESSANTÍSSIMO DA PAULICEIA DESVAIRADA
DE MÁRIO DE ANDRADE: ANÁLISE DO
DESVAIRISMO E SUAS VERTENTES**

Artigo apresentado ao Curso de Letras Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Letras.

Orientadora: **Prof^ª. Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro**

PICOS

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S237m

Santos, Jaíne da Silva.

Mapa conceitual do prefácio interessantíssimo da pauliceia desvairada de Mário de Andrade: análise do desvairismo e suas vertentes. / Jaíne da Silva Santos. -- 2019.

27 f.

CD-ROM: 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

“Orientador(A): Prof^a. Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro.”

1. Análise Literária. 2. Mapa Conceitual. 3. Leitor. 4. Mário de Andrade. I. Título.

CDD 801.85



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
 CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
 Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
 Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às 16:30 horas, do dia 18 de junho do ano de dois mil e dezenove, na sala 833, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvidio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência da Prof.^a Dr.^a Cristiane Feitosa Pinheiro, reuniu-se a banca examinadora de defesa de artigo de autoria da aluna **Jaíne da Silva Santos** do curso de Letras desta Universidade com o título, **Mapa conceitual do Prefácio Interessantíssimo da “Pauliceia Desvairada”, de Mário de Andrade: Análise do Desvairismo e suas vertentes**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof.^a Dr.^a Cristiane Feitosa Pinheiro (orientadora – presidente), Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro (1º examinador) e Prof.^a Me. Margareth Valdivino da Luz Carvalho (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguido de questionamentos pelos membros da banca. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo a aluna obtido as seguintes notas: 8,5 ; 8,3 e 8,5. Apuradas as notas verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral 8,4. E para constar, eu, Cristiane Feitosa Pinheiro, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 18 de junho de 2019.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Cristiane Feitosa Pinheiro
 Presidente

Welbert Feitosa Pinheiro
 1º examinador

Margareth Valdivino da Luz Carvalho
 2º examinador

MAPA CONCEITUAL DO *PREFÁCIO INTERESSANTÍSSIMO DA PAULICEIA DESVAIRADA* DE MÁRIO DE ANDRADE: ANÁLISE DO DESVAIRISMO E SUAS VERTENTES.¹

Jaíne da Silva Santos²

Cristiane Feitosa Pinheiro³

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo apresentar uma análise por meio de mapa conceitual, do *Prefácio Interessantíssimo*, da obra *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade. Dispondo de um referencial teórico composto de autores como Bosi(1994), Moisés (1996), Nunes(1984), Lopez (1979), Aguiar e Silva, Rezende (2011), e Cavellucci (2009). Com o intuito de demonstrar a trajetória do leitor empírico na obra literária, enfatizando os aspectos essenciais na busca pela formação do leitor e o papel que o mapa conceitual pode desempenhar em uma análise de interpretação literária. Foi demonstrado nesta análise um caminho de compreensão e interpretação da obra. Por conseguinte, foram expostos, de maneira estruturada, os conjuntos de ideias e conceitos apresentados pelo autor, abordando o Desvairismo como escola/estética literária, criada por Mário de Andrade, suas influências e características. Foi abordado o modernismo e os acontecimentos da Semana de Arte Moderna de 22, assim como suas vertentes e influências.

PALAVRAS-CHAVE: Leitor. Mapa conceitual. Análise literária. Mário de Andrade. Pauliceia Desvairada

ABSTRACT: This study aims to present an analysis by means of conceptual map, from the *prefácio interessantíssimo*, the work *Paulicéia Desvairada*, Mário de Andrade. Offering a theoretical composed of authors such as Bosi (1994), Moisés (1996), Nunes (1984), Lopez (1979), Aguiar e Silva, Rezende (2011), and Cavellucci (2009). With the aim of showing the trajectory of the empirical reader in literary work, emphasizing the essential aspects in the search for the formation of the reader and the role that the concept map can play in an analysis of literary interpretation. It was demonstrated in this analysis a way of understanding and interpretation of the work. Therefore, they were exposed, in a structured way, the sets of ideas and concepts presented by the author, addressing the Desvairismo as school/literary aesthetics, created by Mário de Andrade, their influences and characteristics. Was approached the modernism and the events of the Week of Modern Art 22, as well as their aspects and influences.

KEYWORDS: Lector. Conceptual map. Literary Analysis. Mário de Andrade. Paulicéia Desvairada

¹ Artigo apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

² Aluna regularmente matriculada no curso de Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. E-mail: jainesantos313@gmail.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora adjunto da UFPI- Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos- PI. E-mail: cristianeufpi@gmail.com

1. Introdução

Atualmente nos deparamos com a procura por manuais que apresentem como tema a análise e interpretação de obras literárias, pois, muitos leitores confessam ter dificuldade em compreender integralmente o sentido dos textos lidos. Os manuais são materiais indispensáveis no processo de ensino-aprendizagem da concepção da leitura de modo geral. Com essa premissa, os manuais são responsáveis pelo desenvolvimento de competências, como a compreensão e a interpretação de obras literárias, fazendo com que o aluno reflita, questione e construa um pensamento crítico diante de tal obra. Porém, é visto que há uma escassez no que diz respeito à abordagem literária em manuais didáticos, que possuem textos voltados a outros quadros e pouco trabalha com as obras literárias. Um manual que aborda obras literárias de forma enfática e procura desde os primeiros anos escolares, desenvolver essas competências no aluno, é de grande valia para o desenvolvimento do leitor.

Com isso, surgiu tal pesquisa complementar, tornando-a um manual literário de caráter educacional que aborda aspectos particulares da obra, buscando demonstrar a trajetória do leitor na mesma. Com o objetivo de responder ao problema da pesquisa: qual a viabilidade do mapa conceitual no uso de análise de obras literárias, mais especificamente, na demonstração de um caminho de compreensão da obra *Pauliceia Desvairada*, tendo o *Prefácio Interessantíssimo* como eixo norteador?

Este estudo apresenta uma trajetória de leitura e compreensão da obra, levando em consideração o conhecimento do leitor e os aspectos particulares da mesma, atribuindo a relevância adequada a ambos. O estudo foi realizado a partir de uma representação gráfica ilustrativa, através de um mapa conceitual que apresenta conexões elaboradas entre os diferentes assuntos que fazem parte do vasto universo da obra.

Neste trabalho delimitou-se o *Prefácio Interessantíssimo*, da obra “Paulicéia Desvairada” de Mário de Andrade, servindo como escopo para futuros leitores que busquem um modelo de análise estruturada de uma obra ou texto literário e conseguinte desempenhando o papel de influenciar na formação de futuros leitores assíduos de literatura.

A realização da presente pesquisa justifica-se por ser uma proposta de leitura literária inovadora, uma vez que buscou demonstrar de forma esquematizada a dimensão estrutural de

uma obra literária, que muitas vezes passa despercebida por leitores desatentos, em virtude da dificuldade de percepção de seu significado e sentido.

Adotando como objetivo geral abordar a dimensão de uma obra literária na visão do leitor empírico, no que diz respeito aos seus aspectos temáticos, características e vertentes teóricas. Para tanto, elegeu-se como objetivos específicos os seguintes: demonstrar um caminho de compreensão e interpretação da obra, expor, de forma estruturada, os conjuntos de ideias e conceitos dispostos na obra e abordar o Desvairismo como escola literária, fundada por Mário de Andrade, suas influências e características. A análise mapeou a caminhada de um leitor real, além de demonstrar tal caminho, a mesma buscou comprovar a dimensão do texto literário que muitos não contemplam com a devida atenção, por enfrentarem, na maioria das vezes, dificuldades na compreensão do texto, indicando, com isso, não apenas um método de leitura, mas sobretudo uma apresentação do âmbito literário.

Expondo a importância da leitura da obra, na busca pela formação do leitor, a pesquisa foi elaborada com o intuito de enfatizar o carácter interdisciplinar, atemporal e universal que a literatura engloba.

A proposta desta pesquisa surgiu a partir de uma atividade avaliativa da disciplina de Literatura Nacional V, em que foi proposta uma análise de mapeamento da obra de Mário de Andrade, construindo um mapa conceitual. Ao deparar-me com tal ferramenta, foi constatado o potencial do mapa no auxílio da compreensão de obras literárias, e sendo aplicada de forma correta, poderia contribuir de maneira abrangente para a formação do leitor. Transformando assim, a aplicação de mapas conceituais na trajetória do leitor empírico em obras literárias, em objeto da pesquisa aqui disposta.

O interesse em realizar esta pesquisa, partiu da dificuldade vista por muitos leitores empíricos na compreensão de textos literários. Propondo algo pouco usual, pois esta ferramenta é pouco utilizada no campo literário, mas que possui uma boa margem de resultados no processo de compreensão dos elementos do texto, a pesquisa apresenta um manual de leitura e compreensão da obra literária, com o intuito de contribuir para formação do leitor. Consequente, abordou-se o contexto no qual a obra está inserida e suas influências, como o Modernismo e a Semana de Arte Moderna de 1922.

Dessa forma o estudo apresenta resultados de uma pesquisa interpretativa e bibliográfica, de carácter descritivo/explicativo. Por meio de mapas conceituais, buscou analisar as temáticas e vertentes presentes no *Prefácio Interessantíssimo* da obra, cada uma

delas foi subdividida e organizada estruturalmente, com o intuito de facilitar a compreensão das ideias apresentadas de forma clara ou subjetiva na obra.

Dispondo como base de pesquisa em livros sobre teoria da literatura, leitura do texto literário e interpretação do texto literário, a seleção das fontes foi realizada com base na questão central proposta pela pesquisa, isto posto, a seleção de um arsenal de autores e obras que discorram acerca do assunto, e auxiliem no desenvolvimento, comprovação e solução da questão central da pesquisa, somado a estudos sobre a semana de arte moderna e sobre o autor Mário de Andrade.

Após a seleção do referencial teórico, foi iniciada análise que consistiu primeiramente em leituras da obra, para conseguinte iniciar a definição dos pontos temáticos relevantes para a pesquisa. No total, foram elencados 12 pontos que constituem a estrutura do mapa conceitual, a fim de expor os elementos que constroem a estética do Desvairismo adotada pelo autor da obra. Cada um dos pontos definidos foi fundamentado com as partes da obra, tanto do *Prefácio*, quanto dos poemas, para que se comprove com exatidão a veracidade do que se é defendido nesta pesquisa. Diante disso, foi realizada uma seleção dos trechos onde se comprovam tais pontos no *Prefácio* e conseguinte dos poemas que correspondiam a esses elementos destacados no mapa conceitual.

A pesquisa demonstra um trajetória de compreensão da obra através dos pontos temáticos do mapa, então, a todo momento desta análise foram apresentados trechos e poemas que auxiliam na fundamentação do que foi proposto.

A presente pesquisa foi organizada da seguinte forma: em um primeiro momento foi abordada a Semana de Arte Moderna de 1922, onde foram expostos os aspectos desse evento e os fatos que culminaram este acontecimento. Já no segundo momento, foram apresentados o autor e a obra objeto da pesquisa, expondo as características de ambos, para que fique claro os ideais e as convicções de Mário de Andrade e como isso é retratado no *Prefácio*. No tópico seguinte, apresentou-se a ferramenta utilizada para construir a análise: o Mapa conceitual, logo em seguida foi apresentada a análise estrutural do *Prefácio Interessantíssimo*, que é a proposta central deste estudo.

2. A Semana de Arte Moderna de 1922

O Modernismo brasileiro teve como seu marco inicial a Semana de Arte Moderna de 1922, em um contexto em que o Brasil passava pela República do “café com leite” e em um cenário que a Europa exercia grande influência artística no Brasil. A Semana de 22 realizou diversas manifestações artísticas. Os salões e o palco do Teatro Municipal de São Paulo congregaram autores das mais distintas esferas, com o intuito de modernizar, renovar e libertar a cultura brasileira de antigos paradigmas e das influências Europeias. O evento não foi unicamente um evento, mas um marco na trajetória do Modernismo no Brasil, que consagrou o ponto alto desse movimento e dos autores que a algum tempo buscava uma consolidação do ideário que defendiam, Rezende afirma que

Para chegar mais perto do que a Semana de fato significou, desvencilhando-a do mito e procurando decodificar o símbolo, é preciso vê-la, em primeiro lugar, como a culminância de um processo iniciado cinco anos antes, e que abre caminho e lança as bases para a arte do futuro. (REZENDE, 2011, p.11)

É importante atentar-se a fatos que antecederam o evento, e os que sobrevêm a semana. Destaco aqui a exposição de Anita Mafalti em 1917 que congregou o marco inicial do Modernismo, a artista em 53 trabalhos, trouxe o resultado de seus estudos nos EUA e Alemanha, causando uma intensa discussão na imprensa da época, que se intensificou logo após a publicação do Artigo de Monteiro Lobato: “*Paranoia ou Mistificação?*” em que o escritor tece uma pesada crítica a exposição de Anita, “Lobato ataca o ponto central do que se convencionou chamar de arte moderna” (REZENDE, 2011, p.16).

No mesmo ano acontece a aproximação dos autores que se tornariam os protagonistas da Semana de 22 e do Modernismo Brasileiro, Oswald e Mário de Andrade, a “aproximação afetiva e intelectual dos dois escritores que deram forma, impulso as ideias da Semana.” (REZENDE, 2011, p.14). Apesar de possuírem personalidades diferentes os autores se tornaram amigos diante suas afinidades culturais, e “a união dessas duas personalidades tão distintas configurou uma das mais ricas e profícuas colaborações intelectuais.” (REZENDE, 2011, p.14) que impulsionou o ideário da Semana e o cenário literário da época.

O evento datado nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, apresentado por Graça Aranha que realizou a palestra de abertura do evento e Menotti Del Picchia que, na segunda noite, apresentou um discurso sobre Romancistas Contemporâneos no teatro Municipal,

reuniu artistas de diversos âmbitos artísticos, como as Artes Plásticas, Música e Literatura. Foram três noites de exposições, declamações de poemas e apresentações musicais.

Na literatura, autores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida e Sérgio Milliet participaram do evento. Deixaram contribuições significativas para o evento. Sendo Oswald e Mário os participantes mais famosos da Semana. Apesar de constituir-se como um evento grandioso e marcado pela pluralidade, é importante salientar que muitas das propostas anunciadas na Semana não se realizaram efetivamente, Resende esclarece que

Havia grande variedade de estilos no Teatro Municipal em fevereiro de 1922, assim como diverso também era o grau de desenvolvimento dos artistas. É comum que numa manifestação da natureza da Semana, que se propõe a romper com determinadas concepções para instaurar novas, os projetos se apresentem eloquentes, grandiosos, revolucionários e, por fim, utópicos na maioria das vezes. A realização efetiva costuma ficar aquém das propostas. No caso da Semana, as propostas apresentadas ficaram curiosamente aquém das realizações pelo simples fato de que não se sabia exatamente o que se queria e quem as expunha não entendia bem o que estava acontecendo. Ou melhor, as realizações da Semana não encontraram quem as expusesse à altura. (RESENDE, 2011, p.34)

Dito isso, é necessário compreender que era um momento delicado, pois era o surgimento de um movimento novo, onde muitos não compreendiam o que de fato era exposto. Consistia em um cenário de transição da estética do Simbolismo para a estética Modernista, que não tinha se elucidado ainda, por esse motivo é entendível que houvesse essa dificuldade na efetividade das propostas, pois, apesar de grandioso, era um momento de apresentação.

O próprio Mário em uma passagem do Prefácio Interessantíssimo, afirma que não se pode passar de uma estética para outra instantaneamente, “Ninguém pode se libertar duma só vez das teorias-avós que bebeu; e o autor deste livro seria hipócrita si pretendesse representar orientação moderna que ainda não compreende bem” (ANDRADE, 1996, p.60). A efetivação das propostas apresentadas para a implementação do Modernismo iniciam-se logo após o término da Semana, pois conseguinte a fase de apresentação surge a fase de discussão e experimentação, e é nesse momento que se inicia o verdadeiro momento construtivo do movimento Modernista no Brasil com a proliferação de novas ideias, como o lançamento de nove números da Revista *Klaxon* ainda no mesmo ano, e o *Movimento Pau-Brasil* encabeçado

por Oswald, Mário e Tarsila do Amaral que inaugurou a fase realmente nacionalista do movimento. A Semana de 22 marcou o estopim da vanguarda Modernista no Brasil e foi “a manifestação pública e festiva do nosso modernismo”, conforme assinalou Nunes (1984).

Em meio ao alarido público em torno do evento, surgiu um novo movimento literário com o objetivo de transformar a cultura brasileira pela valorização do nacionalismo crítico, rompendo com as escolas anteriores e propondo algo novo e nacional. Mais tarde, Mário de Andrade, afirmou que seus princípios bases do Modernismo eram, estabilizar uma nova forma de consciência criadora brasileira, atualizar a inteligência artística do país e conquistar o direito à pesquisa estética.

3. O Desvairismo de Mário de Andrade

Mário de Andrade, autor de obras como *Macunaíma* (1928) e *Pauliceia Desvairada* (1992), surgiu neste cenário como um defensor do nacionalismo consciente. Conforme pontuou Nunes (1984, p. 64), “é difícil classificar a personalidade artística desse poeta, narrador, crítico, ensaísta, que criou, com a argúcia paciente de um pesquisador, e que pesquisou a realidade brasileira com o ímpeto luminoso de um criador.” Andrade buscou conhecimento em suas viagens pelo Brasil, de forma a descobrir as características culturais do país, com isso, elaborou obras de cunho nacional. Segundo Facchin (2012, p. 46):

O retrato do Brasil é delineado, nas obras marioandradianas, por meio da acepção dos fundamentos que servem de base ao ser nacional, ou seja, à identidade do brasileiro apreendida por Mário de Andrade durante suas viagens etnográficas pelo país e os estudos que realizou para compor suas obras.

Mário de Andrade, com seu forte desejo pela identidade nacional, ruptura com o tradicionalismo e, conseqüentemente, pela quebra de paradigmas da época, esboçou em suas obras o retrato da brasilidade, tão almejado pelo movimento modernista. Em *Paulicéia Desvairada*, Andrade apresenta o pilar de sustentação das estéticas do movimento modernista. Nunes (1984, p.64) afirma que:

A esse poeta, que assinou ensaios capitais sobre música brasileira, e lançou os fundamentos de nossa historiografia artística, a esse musicólogo, inseparável do poeta, deve-se a poesia matricial do modernismo. Refiro-me a

Pauliceia Desvairada, publicado após a Semana de Arte Moderna, ainda em 22, e em que, pela primeira vez, frutificou, e até com certo atraso, em nossas letras e artes.

Paulicéia Desvairada é constituída por 23 poemas e o *Prefácio Interessantíssimo*, no qual o poeta apresenta os seus ideais poéticos, com inúmeras referências a outros movimentos, autores e vanguardas, como discussões sobre teorias do Futurismo e do próprio Modernismo, algumas influências e aproximações com o Dadaísmo, Cubismo, Parnasianismo, Surrealismo, assim como conceitos já visitados sobre o feio e o belo estético.

O *Prefácio Interessantíssimo*, no dizer de Lopes (1979, p.88), “define-se como expressão de uma antiescola, aquela que zomba de si própria, frisando não conhecer os limites entre a seriedade e a blague, ao mesmo tempo que se considera efêmera, essa última pelo futurismo em toda arte moderna”. Sendo assim, torna-se algo marcante pela pluralidade contida no mesmo, porém, algo efêmero diante da realidade da poesia moderna.

O eu poético declara, no *Prefácio*, a fundação de uma nova poética e, mais tarde, promove-a a escola literária, nomeada de *O Desvairismo*, que nada mais é que uma poética caracterizada pela poesia cotidiana simples, irreverente e em que permeia a blague, com acessos de lirismo, ou seja, o subjetivismo do autor se tornava evidente, como se lê no fragmento seguinte: “Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que meu inconsciente me grita” (ANDRADE, 1993, p. 59). Esse ideal de impulsos de lirismo permeia toda a obra, evidenciando uma inclinação à teoria da escrita automática dos surrealistas.

De trajetória meteórica, o Desvairismo é fundado pelo autor logo no início do *Prefácio*, onde dirige-se diretamente ao leitor, “Leitor: Está fundado o Desvairismo, (ANDRADE, 1993, p. 59), e ao final do *Prefácio*, de modo irreverente, ele próprio, encerra a poética, “E está acabada a escola poética do Desvairismo, próximo fundarei outra” (ANDRADE, 1993, p. 77). No *Prefácio*, afirma que sua obra não há escrita para olhos mudos, pois sua ode está repleta de expressionismo e sentimento. De acordo com Krueger, “Mário vinculou diretamente o seu modernismo artístico com as brotantes relações do capital industrial” (1984, p.65), ou seja, o autor associa sua arte moderna, pontualmente, às crescentes relações do capital industrial. Mário evidencia esse fato em uma passagem do *Prefácio* interessantíssimo em que afirma:

Escrever arte moderna não significa jamais para mim representar a vida atual no que tem de exterior: automóveis, cinema, asfalto. Si estas palavras

frequentam-me o livro não é porque pense com elas escrever moderno, mas porque sendo meu livro moderno, elas têm nele sua razão de ser (ANDRADE, 1966.)

Diante disso, Andrade foi, como muitos apontam, um autor difícil de definir, pois sua marca registrada era o carácter multifacetado de suas obras. Nesse estudo, tratamos da forma como elaborou o Prefácio Interessantíssimo, apontando, através de um mapa conceitual ou temático, a estruturação da sua proposta de uma estética inovadora e irreverente.

4. Mapa Conceitual

Para este estudo foi elaborado o mapa conceitual do *Prefácio Interessantíssimo* de *Paulicéia Desvairada*. Por isso é importante conceituá-lo, deixando claras as funções deste tipo de ferramenta e a razão pela qual esta forma de análise foi escolhida.

A teoria do mapeamento conceitual surgiu na década de 70, com estudos do professor Norte-Americano Joseph Donald Novak, que baseou-se na Teoria de Assimilação de David Ausubel, que discute a aprendizagem do indivíduo levando em consideração os conhecimentos adquiridos com os que o mesmo já possui, ou seja, o conhecimento prévio do indivíduo é indispensável para o processo de aprendizagem significativa.

Novak aplica a teoria de “Aprendizagem Significativa”, onde o mapa conceitual seria uma das principais estratégias instrucionais para a facilitação desta aprendizagem. Segundo Moreira,

Na medida em que os alunos utilizarem mapas conceituais para integrar, reconciliar e diferenciar conceitos, na medida em que usarem essa técnica para analisar artigos, textos capítulos de livros, romances, experimentos de laboratório, e outros materiais educativos do currículo, eles estarão usando o mapeamento conceitual como um recurso de aprendizagem. (MOREIRA, 1997, p. 05)

Sendo o mapa um facilitador. Um caminho para o êxito na compreensão e aprendizagem, independentemente da área que a ferramenta for aplicada. Posso afirmar que o mapa conceitual é uma ferramenta ou diagrama visual, utilizado na compactação e explanação de ideias. Este tipo de estrutura surge com o objetivo de apresentar a relação entre conceitos e ideias de um determinado assunto.

A estruturação do mapa se dá por meio da definição de padrões que, apresentados em círculos se conectam a outros por meio de linhas ou setas que também são chamadas de arcos, que se organizam hierarquicamente contendo ligações entre elas, que podem ser palavras ou frases que interliguem os conceitos, demonstrando que tudo está conectado e evidenciando as relações entre eles. Diante disso é importante destacar a fala de Cavellucci (2009, p.10) quando afirma que:

Cada um de nós possui sua própria estrutura cognitiva, como resultado de um processo constante de construção individual, tendo como base suas percepções, vivências e aprendizagens. Quando elaboramos individualmente um mapa conceitual relacionado a um determinado conhecimento, representamos nele os significados que atribuímos ao conhecimento e de que forma conceitos ou ideias relacionados a ele se interconectam.

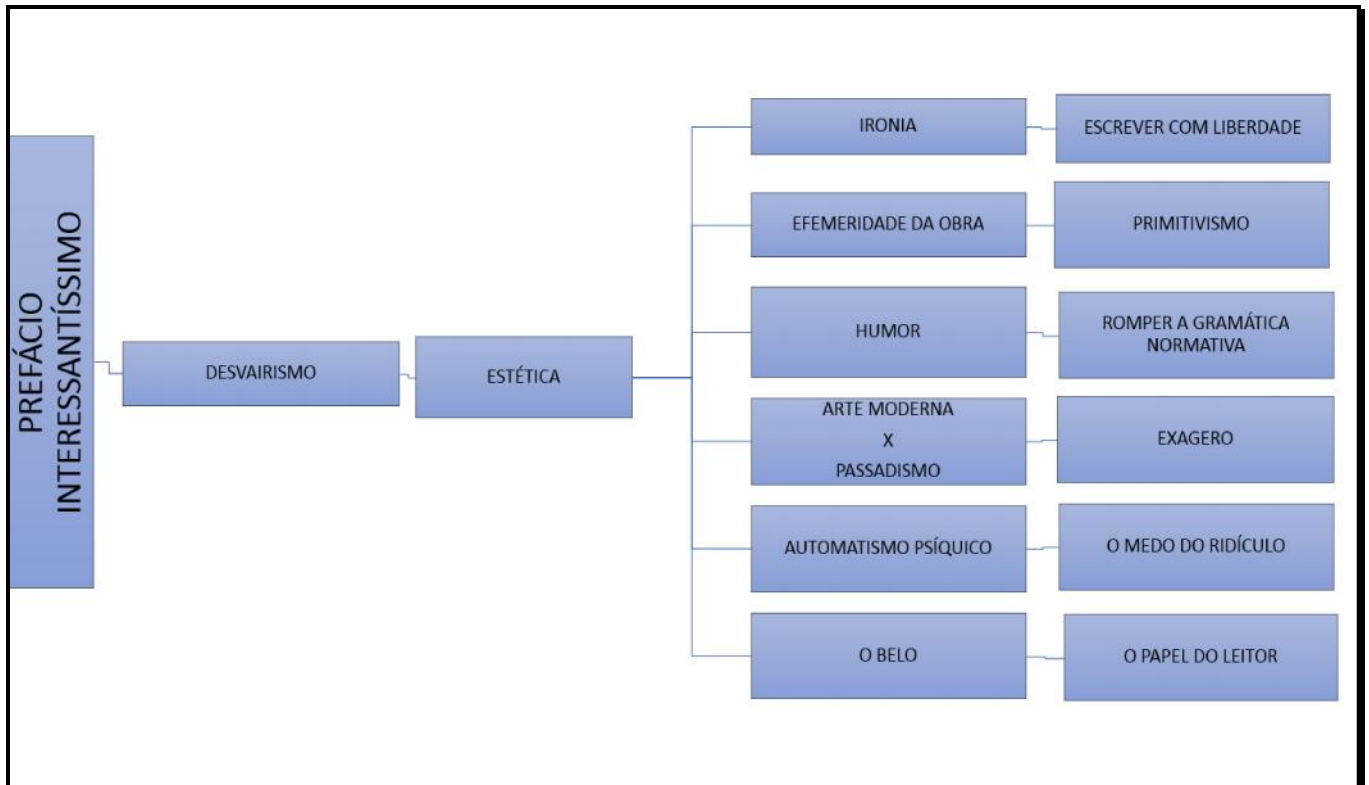
Quando construímos o Mapa conceitual, colocamos os significados que atribuímos a tal questão, interpretando-a da nossa própria forma, porém levando seu sentido geral em conta e compactando suas conexões com outras vertentes. Pois um mapa conceitual não é autoexplicativo, “é necessário que seu autor o explique. É nesse momento que ele explicita e compartilha seus significados psicológicos.” (CAVELLUCCI, 2009, p.10) de modo geral, se o indivíduo foi capaz de mapear tal conhecimento ele será capaz de explicá-lo.

Diante disto, é visto que este tipo de ferramenta facilita o caminho de aprendizagem, pois permite que o leitor construa, através da estruturação de ideias, o sentido do que está sendo esquematizado, podendo ser de determinado assunto aleatório ou de uma obra literária, como ocorre nesta pesquisa.

Ao utilizá-lo na análise literária, tem-se resultados expressivos na compreensão e apresentação de tal obra. Questões que passam despercebidas diante de uma leitura mais superficial são “descobertas” quando compactamos, organizamos e estruturamos o texto.

Nesta análise, em um primeiro momento, foram definidas as principais palavras-chave que constituiriam o texto. Na obra de Andrade, podemos ver dispostos inúmeros elementos, para a seguir iniciar a análise dos que ganham um maior destaque no *Prefácio*, desenhando o caminho de compreensão dos elementos da obra e da estética do Desvairismo. Vemos abaixo:

Quadro 01. Mapa conceitual – Prefácio Interessantíssimo – Pauliceia Desvairada



Fonte. Elaborado pela pesquisadora Jaíne da Silva Santos (2019)

O mapa conceitual foi analisado – com seus elementos norteadores – no item abaixo.

5. *Prefácio Interessantíssimo*: análise da obra

Ao analisar um texto literário, tem-se uma estrutura e elementos que o compõem. A análise “constitui, precipuamente, um modo de ler, ver o texto e de portanto, ensinar a ler e a ver” (MOISÉS, 1996, p.22), por esse motivo a análise literária é indispensável para a formação do leitor.

Moisés (1996, p. 22) aponta que “as mais das vezes, o estudante lê mal, vê mal o texto, na medida em que apenas percorre as linhas graficamente dispostas, reconhecendo as palavras e a sintaxe que as aglutina, mas sem saber para que núcleos de interesse dirigir sua atenção”.

Dessa maneira, o leitor, com o ímpeto de conhecer o todo, acaba por negligenciar aspectos importantes de uma obra literária, o núcleo e as estruturas passam muitas vezes despercebidos. A análise literária enriquece e conduz o leitor, pois possui uma natureza sistêmica de esclarecimento que torna a leitura mais do que apenas decodificação de linhas graficamente dispostas.

A trajetória de construção do mapa se deu primeiramente com a leitura e o destaque dos temas mais importantes que estão dispostos no *Prefácio*. Para a compreensão deste, como um todo, realizou-se uma análise da poética do **Desvairismo** criada por Mário de Andrade, as suas características principais e as razões as quais impulsionavam sua escrita. Ao longo da leitura da obra, os elementos surgiram de acordo com cada item que Mário apresenta no texto. Esses elementos são perceptíveis ao ler-se mais atentamente cada parágrafo, assim, foram necessárias leituras de garimpagem para que o leitor percebesse tais elementos dispostos, destacando-os, para adicioná-los ao mapa, tornando-os elementos-chaves da obra.

No esforço de leitura do *Prefácio* – que naturalmente conduz a leitura e significação da obra em si mesma -, buscou-se perceber os pontos relevantes apontados pelo poeta e que sistematizam a sua proposta de arte moderna para a poesia. Não se trata de um simples prefácio, mas de uma arte poética capaz de informar que tipo de poesia se propõe ser a própria *Pauliceia Desvairada* e a poesia que seria cantada pelos poetas modernistas.

Ao iniciar-se a análise, definiram-se os principais elementos da estética. Ao todo foram elencados 12 pontos temáticos que constituem a estética que o *Prefácio* anuncia e que foram apontados, de forma esquematizada, no mapa. Esses elementos estão presentes na poesia da *Paulicéia* e, para reforçar o achado, fez-se o inventário dos temas e a sua aplicação direta na obra.

Como estão dispostos no mapa da figura 1, destaca-se primeiramente a **ironia**. Andrade conversa com o leitor e não se sabe em alguns pontos onde está a seriedade da obra ou se tudo é apenas ironia. No parágrafo 41 do *prefácio Interessantíssimo* versa: “imagino o seu susto, leitor, lendo isto. Não tenho tempo para explicar: estude se quiser.” (ANDRADE, 1993, p. 71.).

Vê-se o autor dirigindo-se diretamente ao leitor de maneira irônica, como se não se preocupasse se os seus próprios leitores iriam compreender sua poética ou não. Em *Paulicéia*,

o autor traz em seus versos traços desta ironia inerente à obra, como nos versos, do poema *Paisagem nº 1*, quando versa:

[...] Faz frio, muito frio...
 E a ironia das pernas das costureirinhas
 Parecidas com bailarinas...
 O vento é um navalha
 Nas mãos dum espanhol. Arlequinal...[...]

O eu lírico refere-se às costureirinhas com voz irônica, ao vê-las vestidas com roupas que a deixam de pernas descobertas em um cenário que se faz muito frio. A ironia permeia toda a obra, expressando o caráter arlequinal do eu poético.

Elemento presente em quase todo o *prefácio*, o **humor** anda atrelado ao sarcasmo inerente à obra. Evidencia-se, quando o autor afirma, no parágrafo 5 do *prefácio Interessantíssimo* que é “Muito difícil nesta prosa saber onde termina a blague, onde principia a seriedade. Nem eu sei.” (ANDRADE, 1993, p.60). Quando se fala em humor tem-se o caráter arlequinal que o autor assume na obra para atenuar ou justificar sua poética mordaz, segundo Lopez (1996, p.19),

‘Arlequinal’ é a palavra com que o poeta conota a realidade que apreende e a expressão que, sob o ângulo da crítica, pode qualificar a obra [*Paulicéia Desvairada*], acusada a presença de elementos de várias estéticas, compondo diferentes camadas de significação.[...] Compreende-se então que, nesse instante da propaganda modernista, o arlequim é, da mesma forma que a loucura, o instrumento de organização desejoso de enxergar além das aparências, percebendo que o lírico poderia estar fundido ao dramático, ao patético.

O arlequim se caracteriza por ser um palhaço brincalhão. Em “ode ao burguês”, onde o próprio título se configura em puro sarcasmo, pois o poema apresenta insultos irônicos ao burguês, tem-se esse caráter mais pronunciado quando o eu lírico coloca no verso 4 do poema, a expressão “homens-nádegas”, para ilustrar a falta de inteligência dos burgueses ou quando exclama, no verso 44, ao final do poema: “Fora! Fu! Fora o bom Burguês!”

No mapa, além desses pontos, traz o tema da **efemeridade da obra**. Que se destaca na efemeridade de aspectos apresentados na estética, pelo autor. Vemos, logo de início, uma teoria/escola de trajetória meteórica se iniciar quando o autor aponta no primeiro parágrafo do *prefácio interessantíssimo* “Leitor, está fundado o Desvairismo” (ANDRADE, 1993, p.59).

Para logo após 60 parágrafos, em que apresenta uma escrita transgressora, ambígua e repleta de particularidades que rompe com a estética da época, ser encerrada nos parágrafos 63/64: “E está acabada a escola poética. “Desvairismo”. Próximo livro, fundarei outra.” (ANDRADE, 1993, p.77).

Nos poemas de *Paulicéia*, vemos a efemeridade nas paisagens observadas pelo eu lírico, representada na pressa da sociedade moderna e o constante ir e vir urbano, uma disputa constante entre o novo e o velho, onde o autor percebe a efemeridade das tradições. Como vemos em *O Domador*:

Alturas da Avenida. Bonde 3.
Asfaltos. Vastos, altos repuxos de poeira
Sob o Arlequinal do céu ouro-rosa-verde...
As sujidades implexas do urbanismo [...]

É visto que o autor não objetivava a permanência da estética versada na obra em outras de suas obras e isto está representado em seus poemas. Justificando que não quer discípulos da sua arte/escola, pois a modernidade é o agora, quando se envelhece se perde o brilho, a arte moderna se define por ser atualizada, após um certo tempo sua obra não seria modernista, então a negação de discípulos se dá com intuito de enfatizar a proposta de arte moderna. Isso é posto como marca de um projeto literário em que não se pretendia formar uma escola de arte duradoura, mas que durasse o tempo de se romper com o gosto estético em vigor.

Uma estética não duradoura não teria forças para gerar uma geração de escritores fiéis aos parâmetros apresentados, mas poderia gerar uma geração de artistas capazes de constantemente negarem o passadismo.

Ponto recorrente e de forte discussão tanto na obra como no *prefácio*, o **Primitivismo** é apontado logo no prefácio quando o autor versa que:

Não quis também tentar primitivismo vesgo e insincero. Somos na realidade os primitivos duma era nova. Esteticamente: fui buscar entre as hipóteses feitas por psicólogos, naturalistas e críticos sobre os primitivos das eras passadas, expressão mais humana e livre de arte. (ANDRADE, 1993, p.74)

Para o autor, o passado não era algo a se esquecer, mas algo para se refletir. No *Prefácio*, Mário reafirma para o leitor que o passado é referencial para se construir o presente. Esse caráter primitivista se reafirma no poema da obra, quando versa:

1 Sentimentos em mim do asperamente
 Dos homens das primeiras eras...
 As primaveras de sarcasmo
 Intermitente...
 Outras vezes é um doente, um frio
 Na minha alma doente como um longo som redondo...
 Cantabona! Cantabona!
 Dlorom...

Sou um tupi tangendo um alaúde!

No poema, o autor faz referência aos poetas trovadores da idade média, deixando evidente sua admiração pelos poetas das primeiras eras que divertiam o povo, os Trovadores. Envaidecendo o coração de arlequim do eu poético, que até o último verso do poema reafirma seu primitivismo.

O autor **rompe com a gramática normativa**, deixando claro no parágrafo 49 que “a gramática apareceu depois de organizadas as línguas. Acontece que meu inconsciente não sabe da existência de gramáticas, nem de línguas organizadas. E como Dom Lirismo é contrabandista ...” (ANDRADE, 1993, p.73). O autor não se compromete com a gramática normativa, tornando sua poesia cotidiana e popular. Preocupando-se apenas com a compreensão do leitor diante da obra e reafirmando que o significado não se altera por não utilizar a gramática imposta por normas.

No parágrafo 51, temos: “Pronomes? Escrevo Brasileiro. Si uso ortografia portuguesa é porque, não alterando o resultado, dá-me uma ortografia” (ANDRADE, 1993, p.74). Ao lê-se os poemas de *Paulicéia*, esse rompimento é visto na falta de métrica dos poemas, na espontaneidade do autor ao se expressar com liberdade, adotando o verso livre e fragmentado com vemos em *O cortejo*:

Monotonias das minhas retinas ...
 Serpentinhas de entes frementes a se desenrolar.
 Todos os sempre das minhas visões! "Bon giorno, caro".

Horríveis as cidades!
 Vaidades e mais vaidades[...]

Paulicéia – a grande boca de mil dentes;
E os jorros dentre a língua trissulca de pus e de mais pus de distinção[...]

Ao ler o poema em que Andrade versa sobre a cidade de São Paulo e em como os homens são condicionados pelos aspectos urbanos, tornando-os francos e medíocres, vemos uma estética na qual o poema é fragmentado e sobreposto de versos livres, sem preocupação com métrica ou regras da normativa. Isso ocorre em todos os poemas da obra, pois para inovar era preciso criar algo novo. E afirma categoricamente estar livre desse rigor formal, como vemos no parágrafo 26, abaixo:

Não acho mais graça nenhuma nisso da gente submeter comoções a um leito de Procusto para que obtenham, em ritmo convencional, número convencional de sílabas. Já, primeiro livro, usei indiferentemente, sem obrigação de retorno periódico, os diversos metros pares. Agora liberto-me também desse preconceito. Adquiro outros. Razão para que me insultem? (ANDRADE, 1993, p.66)

O rompimento com a gramática, impôs a busca por nova forma de expressão e isso abriu espaço para a adoção da língua que se aproxima mais do uso popular, direcionando a arte moderna para um contato maior com o leitor comum, automaticamente, negando o academicismo.

Esse ponto se conecta com outro elemento do *Prefácio*, também elencado no mapa, **a escrita em liberdade**. Não podemos ler o *Prefácio* sem pensar na liberdade artística que o autor defende. Vemos, por todo o *Prefácio*, a evocação da liberdade quando se trata do uso da palavra:

Minhas reivindicações? Liberdade, o uso dela; não o abuso. Sei embridá-las nas minhas verdades filosóficas, religiosas, porque verdades filosóficas, religiosas, não são convencionais como a Arte, são de verdades. Tanto não abuso! Não pretendo obrigar ninguém a me seguir costume andar sozinho (ANDRADE, 1993, p.67).

Neste ponto, cabe apontar a conexão entre essa liberdade em escrever, com a ruptura com a gramática normativa feita pelo autor, pois afirma: “Uso palavras com liberdade. Sinto que o meu copo é grande demais pra mim, e ainda bebo dos outros” (ANDRADE, 1993, p.68). Fica claro que movido pelo seu inconsciente, o autor ignora qualquer coerência ou

regra, será impulsionado apenas por acessos de lirismo, pela vontade de seu inconsciente. Estabelecendo uma poética comprometida apenas com a liberdade em escrever o que seu subconsciente grita.

Outro tema que se impõe, e aqui deve-se entendê-lo como percurso de postura estética, é a ousadia, o **não medo do ridículo** em arte evidenciado no parágrafo 16 do prefácio, quando o eu poético afirma que, “Não fujo do ridículo. Tenho companheiros ilustres.” (ANDRADE, 1993, p. 63) logo em seguida, no parágrafo 17, “o ridículo é muitas vezes subjetivo.

Independente do maior ou menor alvo de quem o sofre. Criamo-lo para vestir com ele quem fere nosso orgulho, ignorância e esterilidade” (ANDRADE, 1993, p. 63). O academicismo era visto, então, como forma de amarras que impediam a livre manifestação das ideias, na arte. Ousar a discutir temas e a usar formas novas poderia implicar em ter que o poeta assumir uma postura estética que beirasse o ridículo, mas eram necessárias. O efeito estético causado em *Pauliceia Desvairada* dessa proposta é evidenciado nos versos do poema *Noturno*:

Luzes do Cambuci pelas noites de crime...
Calor!... E as nuvens baixas muito grossas,
Feitas de corpos de mariposas,
Rumorejando na epiderme das árvores...

Gingam os bondes como um fogo de artifício,
Sapateando nos trilhos,
Cuspindo um orifício na treva cor de cal...

Num perfume de heliotrópios e de poças
Gira uma flor-do-mal... Veio do Turquestã;
E traz olheiras que escurecem almas...
Fundiu esterlinas entre as unhas roxas
Nos oscilantes de Ribeirão Preto...

— Batat’ assat’ô furnn!...

Luzes do Cambuci pelas noites de crime!...
Calor... E as nuvens baixas muito grossas,
Feitas de corpos de mariposas,
Rumorejando na epiderme das árvores...

Um mulato cor de ouro,
Com cabeleira feita de alianças polidas...
Violão. "Quando eu morrer..." Um cheiro pesado de baunilhas

Oscila, tomba e rola no chão...

Ondula no ar a nostalgia das Baías...
 E os bondes passam como um fogo de artifício,
 Sapateando nos trilhos,
 Ferindo um orifício na treva cor de cal [...]

No poema acima, Mário apresenta sua ousadia, quando resolve abordar em sua poesia a noite nas periferias, a noite de crimes, o tumulto sobre o qual poucos versam, diante da grandiosidade dos acontecimentos da modernidade. Devido seu carácter arlequinal adotado na obra, o autor retrata o que muitos consideram marginal e irrelevante, destoando de tudo já visto, não fugindo de seu papel, proposto por ele mesmo, de criar uma estética livre do academicismo dono das amarras que impendem a verdadeira expressão de arte.

No *Prefácio*, acontece intencionalmente uma discussão sobre várias teorias da arte assim como sobre o conceito de **Belo**, quando o autor, no parágrafo 23, versa sobre o belo e o feio poético: “Já raciocinou sobre o chamado, "belo horrível"? É pena. O belo horrível é uma escapatória criada pela dimensão da orelha de certos filósofos para justificar a atração exercida, em todos os tempos, pelo feio sobre os artistas”, (ANDRADE, 1993, p.64) e prossegue no parágrafo 24, dissertando sobre o belo da arte, afirmando que:

Belo da arte: arbitrário, convencional, transitório - questão de moda, Belo da natureza, objetivo, natural, tem a eternidade que a natureza tiver. Arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas, ora consciente [...] ora inconscientemente foram deformadores da natureza (ANDRADE, 1993, p.65).

A arte moderna abriu espaço para a discussão de novos temas e isso implicou em poder tratar, em poesia, de temas considerados marginais, mas que, para o projeto modernista, possuíam o mesmo estatuto dos tradicionais.

Outro ponto elencado no *Prefácio* e destacado no mapa conceitual foi o **Papel do Leitor** que recepciona a obra, com quem o autor dialoga a todo momento, durante o prefácio. No parágrafo 1, o autor direciona o discurso ao leitor, quando o evoca: “Leitor, está fundado o Desvairismo”, a partir disso, é possível constatar que o leitor terá um papel de destaque durante a obra, pois o discurso se faz de maneira direta a ele.

O *Prefácio* se configura como uma conversa com o leitor, como um tipo de preparação para o que será visto na obra. Em inúmeros momentos do *Prefácio*, Andrade mantém sua escrita em tom de conversa, como quando cita Shakespeare, no parágrafo 21,

para justificar o exagero na arte e se dirige diretamente ao leitor: “O vento senta no ombro das tuas velas!” Shakespeare. Homero já escrevera que a terra mugia debaixo dos pés de homens a cavalos. Mas você deve saber que há milhões de exageros na obra dos mestres” (ANDRADE, 1993, p. 64).

Assim, em tom de conversa, o autor dialoga de maneira informal com o leitor, faz perguntas como no parágrafo 9, que vemos: “Você já leu São João Evangelista? Walt Whitman? Mallarmé? Verhaeren?” (ANDRADE, 1993, p. 61). Vê-se que o *prefácio* é direcionado ao leitor, com o intuito de anunciar a poética da sua obra.

Outro elemento recorrente no *Prefácio* é o **exagero**, o qual o autor afirma ser “o símbolo novo da vida como do sonho. Por ele sonho e vida se irmanam” (ANDRADE, 1993, p.63); o autor defende que o exagero é a forma mais legítima de expressão. A idealização exagerada, transforma a arte em algo mais fascinante, pois de acordo com Andrade “Nossos sentidos, são frágeis e a percepção das coisas exteriores são fracas,” ou seja, exagerar os aspectos de algo, torna os objetos mais visíveis e dominadores, mais pronunciados, transformando-o em algo memorável e épico.

Partindo do *Prefácio* e adentrando a obra, o exagero vem para inaugurar *Paulicéia Desvairada*, abrir um novo caminho estético, na arte moderna brasileira. Com poema intitulado “*Inspiração*”, em que o autor canta seu amor inconstante e exagerado à cidade de São Paulo, depara-se com esse novo fazer:

São Paulo comoção da minha vida...
 Os meus amores são flores feitas de original!
 Arlequinal ... Trajes de losangos ... cinza ouro ...
 Luz e bruma ... Forno e inverno morno ...
 Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes ...
 Perfumes de Paris ... Arys! Bofetadas Líricas no Trianon ... Algodoad! ...
 São Paulo! Comoção da minha vida...
 Galicismo a berrar nos desertos da América.

No poema de abertura da obra, o autor nos apresenta uma declaração de amor à cidade de São Paulo. Enumerando elementos da cidade com admiração e lirismo. Adota como musa inspiradora uma cidade e não um ser humano, invertendo a lógica da poética moderna.

O **Passadismo x Arte Moderna**, estes dois pontos elencados no mapa, contrapõem-se durante o *Prefácio*, pois Mário apresenta uma proposta de arte moderna com inúmeras

inovações e, no entanto, no parágrafo 6, afirma, “Sou Passadista, confesso, ninguém pode se libertar duma só vez das teorias avós que bebeu.” (ANDRADE, 1993, p.60).

O autor se declara passadista, pois afirma que o passado é essencial para a construção do futuro, o passado precisa ser refletido não esquecido, visto que para o autor, é indissociável tornar-se modernista e ignorar tradições. Afirmando, ainda, que “seria hipócrita se pretendesse representar orientação moderna que ainda não entende bem.” (ANDRADE, 1993, p.60). Em *Paulicéia*, tem-se o poema *Paisagem Nº 4*, em que o autor transita em aspectos entre o passado e o presente, a modernidade e a tradição, na tentativa de aceitar a chegada da modernidade figurada no poema como a urbanização, mas sem abrir mão dos aspectos tradicionais, à procura de uma identidade estética. Vemos abaixo:

Os caminhões rodando, as carroças rodando,
Rápidas as ruas se desenrolando,
Rumor surdo e rouco, estrépitos, estalidos...

E o largo coro de ouro das sacas de café!...
Na confluência o grito inglês da São Paulo Railway...
Mas as ventaneiras da desilusão! a baixa do café!...
Fogem os fazendeiros para o lar!... Cincinato Braga!...
Muito ao longe o Brasil com seus braços cruzados...

Oh! as indiferenças maternais!...
Os caminhões rodando, as carroças rodando,
rápidas as ruas se desenrolando,
rumor surdo e rouco, estrépitos, estalidos...

E o largo coro de ouro das sacas de café!...
Lutar!
A vitória de todos os sozinhos!...
As bandeiras e os clarins dos armazéns abarrotados...
Hostilizar!... Mas as ventaneiras dos braços cruzados!...
E a coroação com os próprios dedos!
Mutismos, para trás!
Ponhamos os (Vitória!) colares de presas inimigas!
Enguirlandemô-nos de café-cereja!
Taratá! e o pean de presidenciais escárnio para o mundo!

Oh! este orgulho máximo de ser Paulistamente!!!

Nas primeiras estrofes do poema, o autor traz a imagem do progresso da cidade de São Paulo, o frenesi do desenvolvimento. Na quinta estrofe, vê-se uma alusão ao passado, em que o autor expressa sua proposta de estética modernista, em que se chegaria à modernidade sem o abandono das tradições.

Outro ponto que entra em constante evidência na obra é o **automatismo psíquico**. Elemento este que permeia todo o *Prefácio* e toda a obra. Podemos constatar que o que define sua obra seja esse automatismo psíquico que adota. Já no *Prefácio*, o autor apresenta traços deste elemento, quando versa: “Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que meu inconsciente me grita” (ANDRADE, 1993, p.59).

Na estética apresentada no prefácio, ele não limita sua forma de se expressar, a liberdade em escrita, o rompimento com as normas da língua e o exagero se interligam, na lírica de Andrade, caracterizando uma escrita marcada pelo automatismo de seu subconsciente, configurando assim, a estética da obra, como aponta no parágrafo 18, do *Prefácio*: “Um pouco de teoria? Acredito no lirismo, nascido no subconsciente, acrisolado num pensamento claro e confuso, cria frases que são versos inteiros, sem prejuízo de medir tantas sílabas, com acentuação determinada. Entroncamento é sueto para os condenados da prisão alexandrina, Há porém exemplo dele nesse livro” (ANDRADE, 1993, p.63).

No poema *Ode ao burguês*, em que Mário direciona todo seu ódio aos burgueses, é possível perceber como este elemento cria e reforça o caráter do desvairismo da obra, que fica bem evidente na última estrofe do poema quando versa:

Eu insulto ao burguês! O burguês-níquel,
O burguês-burguês!
A digestão bem feita de São Paulo!
O homem curva, o homem nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
É sempre um cauteloso pouco-a-pouco! [...]

Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de gíolhos,
Cheirando a religião e que não crê em Deus!
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!

Fora! Fu! Fora o bom Burguês!

No poema, o eu lírico inicia deixando claro seu objetivo, insultar os burgueses da época. Ao longo de seis estrofes, o autor versa sobre o que o desagrada na sociedade burguesa, direcionando todo seu ódio sem meias palavras, escrevendo o que seu inconsciente grita, sem preocupações, pois segundo ele, a escrita com liberdade não permite amarras. Na última estrofe do poema, reforça a imagem do louco, rancoroso, e definitivamente, desvairado que o eu lírico apresenta.

Definindo o **desvairismo**, de forma genérica, o *Prefácio* é criado como uma justificativa para o que é apresentado na obra, a excentricidade é o próprio prefácio, a poética incomum, a liberdade, as ambiguidades, as teorias, a blague, a ironia tudo isso constrói a obra de Andrade.

Como Moisés (1996, p.13) afirma, “a análise literária consiste em desmontar o texto literário com vistas a conhecê-lo nos ingredientes que o estruturam”, ou seja, é importante para a compreensão de um texto que o leitor conheça os mínimos detalhes da obra, e isso acontece quando o desmontamos e o fragmentamos, destacando seus principais elementos, construindo assim, estruturalmente uma visão do texto que uma leitura superficial não proporcionaria. Exatamente como foi proposto nesta análise, sendo que, conhecer o texto literário é um dos objetivos que impulsionam esta pesquisa.

6. Considerações finais

Por meio desta pesquisa foi possível demonstrar a trajetória de um leitor da obra de Mário de Andrade e compreender aspectos importantes da escrita do autor, trazendo o Desvairismo como centro de um projeto poético de elaboração textual, criado por ele mesmo como uma base de apoio à obra que seria apresentada adiante.

O mapa conceitual como ferramenta de análise possibilitou uma estruturação adequada dos elementos da obra, enunciando cada um dos inúmeros elementos que o autor apresenta, facilitando a assimilação do que foi visto durante a análise.

Com isso, temos uma análise estrutural do que o autor nos apresenta no *Prefácio interessantíssimo*, demonstrando o caminho de compreensão de aspectos que constituem a obra. Caminho esse que tornou inteligível o propósito do autor de criar estética incomum e anunciá-la em um *Prefácio* que afirmava ser inútil, estética essa, que mais tarde se explicitaria nos poemas de *Paulicéia Desvairada*, reforçando a ideia de que a teoria/escola Desvairista de Andrade apresentada durante os 66 parágrafos do prefácio seria um prenúncio do que veríamos na obra.

Diante do que foi demonstrado na pesquisa, é possível constatar a verificação da viabilidade do uso do mapa conceitual em análises literárias, pois, ao fragmentar uma obra, e definir seus pontos temáticos de acordo com a trajetória de leitura, constatou-se a compreensão em sua totalidade.

Por meio do mapa, foi possível demonstrar o caminho de compreensão e interpretação do *Prefácio Interessantíssimo*, elencando seus pontos de destaque, assim como os de *Paulicéia Desvairada*, constatando-se assim, o objetivo do autor na criação do *prefácio*, concomitante à criação do Desvairismo, que seria uma justificativa do que o leitor encontraria nos poemas da obra.

Esse caminho de compreensão consistiu na exposição de maneira estruturada dos conjuntos de ideias e elementos dispostos por Andrade, foram dispostos, caracterizados e fundamentos 12 pontos de destaque, aos quais constituíam o conteúdo central da obra, sendo eles, encontrados tanto no *Prefácio* como nos poemas da obra.

Assim, como se deu também a compreensão do Desvairismo como escola fundada por Mário, com o intuito de representar a legítima arte moderna: uma escola que não seguia moldes, caracterizada pela efemeridade e a ousadia e que não almejava discípulos, mas que deixaria sua marca diante de uma sociedade artística marcada pelo academicismo.

A teoria adotada nesta pesquisa dispõe de importância na formação do leitor, pois, para se conhecer uma obra literária é preciso conhecer os elementos que a constroem. O mapa possibilitou uma análise minuciosa do que Andrade dispôs na obra, visto que é inegável que um processo no qual se desmonta uma obra literária, para identificar seus componentes, elencando os que se destacam, a compreensão irá se fazer de maneira mais eficaz e o uso frequente de tal ferramenta, na formação de leitores, auxiliará exponencialmente seu desenvolvimento.

Referências

ANDRADE, Mário de, 1893-1945. **Mário de Andrade em Poesias completas**; edição crítica de Diléia Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Vila Rica, 1993

_____. **Prefácio Interessantíssimo**, Paulicéia Desvairada, **Mário de Andrade em Poesias completas**; edição crítica de Diléia Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Vila Rica, 1993

CAVELLUCCI, Lia Cristina Barata. **Mapas conceituais**: uma breve revisão. [S.l.: s.n.], [2009?]. Disponível em: <http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo_4_projetos/conteudo/unidade_3/MEC_eixo3-texto-MapasConceituais-UmaBreveRevis_o.pdf> Acesso em: 24 de abril de 2019.

FACCHIN, Michelle Aranda, 2012. **Mário de Andrade e o Modernismo: Percursos de um Nacionalismo consciente.** Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/viewFile/7302/5372> Acesso: 05 de Março de 2019

KRUEGER, Robert, 1984. **Mário e o Modernismo: entre o lirismo e a exploração irreversível da cultura nacional.** Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/66p0r14v> Acesso em 05 de Março de 2019

LOPEZ, TPA. 1979. **Arlequim da Modernidade.** Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/download/69575/72159> Acesso em: 05 de Março de 2019

LOPEZ, TPA. **Mariodeandradiando**, São Paulo. Hucitec, 1996.

MOREIRA, M. A. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa.** Porto Alegre: UFRGS, 1997. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/~moreira/visaoclasicavisao critica.pdf> Acesso em 24 de abril de 2019

NUNES, Benedito. **Mário de Andrade: As Enfibraturas do Modernismo.** Disponível em: <http://revistaiberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/download/3861/4030> Acesso: 05 de março de 2019.

REZENDE, Neide. **1922. A Semana de Arte Moderna – 1.ed. – São Paulo: Ática, 2011**

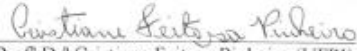
JAÍNE DA SILVA SANTOS

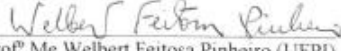
MAPA CONCEITUAL DO *PREFÁCIO*
INTERESSANTÍSSIMO DA PAULICEIA
DESVAIRADA DE MÁRIO DE ANDRADE:
ANÁLISE DO DESVAIRISMO E SUAS
VERTENTES

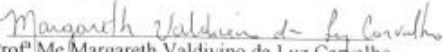
Artigo apresentado ao Curso de Letras Português
da Universidade Federal do Piauí (UFPI),
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros,
como requisito parcial para obtenção do título de
Graduado em Letras.

Aprovado em 18 de Junho de 2019.

Banca Examinadora:


Profª Drª Cristiane Feitosa Pinheiro (UFPI)
(Orientadora)


Profª Me Welbert Feitosa Pinheiro (UFPI)
(Examinador)


Profª Me Margareth Valdivino da Luz Carvalho
(Examinador)